

OS VÁRIOS USOS DE *MESMO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX

Erotilde Goreti PEZATTI¹

Ana Carolina Teixeira PERES²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3441>

Resumo: Este estudo investiga o uso de *mesmo* no português brasileiro, nos séculos XVIII, XIX e XX. A proposta consiste em verificar, na história recente do português, a persistência ou não da multifuncionalidade desse item. Para tanto, toma como universo de pesquisa cartas particulares e cartas oficiais extraídas do corpúsculo do Projeto para a História do Português Brasileiro (<https://sites.google.com/site/corporaphpb>), e, como suporte teórico, a Gramática Discursivo-Funcional, desenvolvida por Hengeveld e Mackenzie (2008). Os resultados mostram que os cinco diferentes usos (operador de ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de propriedade configuracional), detectados por Peres (2020), já existiam desde o século XVIII e permaneceram no decorrer dos séculos XIX e XX. Além disso, não houve alteração substancial nos usos de *mesmo* e não sofreram alteração na forma de codificação no decorrer dos três séculos. O que este estudo revela é que alguns usos estão em decréscimo e outros em ascendência, apontando para um processo de gramaticalização.

Palavras-chave: Funcionalismo. Ordem de constituintes. Mesmo. Cartas particulares. Cartas oficiais.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; erotilde.pezatti@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-8822-9587>

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; anacarol_peres@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-3110-9768>

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

THE VARIOUS USAGES OF MESMO IN BRAZILIAN PORTUGUESE OF 18TH, 19TH AND 20TH CENTURIES

Abstract: This study investigates the usage of *mesmo* in Brazilian Portuguese in the 18th, 19th and 20th centuries. The proposal is to verify, in the recent history of Portuguese, the persistence or not of the multifunctionality of this item. For this, it takes as research database private and official letters extracted from the corpus of the Project for the History of Brazilian Portuguese (<https://sites.google.com/site/corporaphpb>), and, as theoretical support, Functional Discourse Grammar framework, developed by Hengeveld and Mackenzie (2008). The results reveal that the five different usages (emphasis operator, pragmatic function Contrast, identical identity operator, anaphoric nucleus and configurational property modifier), detected by Peres (2020), have already existed since the 18th century and they have remained during the 19th and 20th centuries. Furthermore, there was no substantial change in the usages of *mesmo* and they did not undergo any changes in the formal encoding during the three centuries. What this study reveals is that some uses are decreasing and others are ascending, pointing to a grammaticalization process.

Keywords: Functionalism. Constituent order. *Mesmo*. Private letters. Official letters.

Introdução³

Este trabalho investiga a multifuncionalidade de *mesmo*, no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX, tomando o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) como embasamento teórico, e, como universo de pesquisa, cartas particulares e oficiais extraídas do cópulo do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB).

Na literatura corrente, os estudiosos concordam que o item *mesmo* é multifuncional, já que, além de seu valor como pronome demonstrativo, que faz referência a algo já enunciado ou conhecido no evento comunicativo, expressa reforço ou denota semanticamente “identidade”, aquilo que é repetido, “igual” (SANTOS-AMORIM, 2009, p. 75), conforme exemplificam as ocorrências, extraídas do cópulo que serviu de análise para esta pesquisa: (1), em que *mesmo* constitui uma proforma anafórica, (2) em que indica identidade idêntica, e (3), uma partícula de reforço.

³ Este artigo retoma e reelabora parte dos resultados da dissertação denominada *O uso de mesmo em cartas do português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX*, desenvolvida por Ana Carolina Teixeira Peres (2020), sob a orientação de Erolde Goreti Pezatti (UNESP/SJRP). Sendo assim, os dados utilizados para análise são extraídos do mesmo estudo.

- (1) não quizerão anuir dizen=do que não Largariaõ as armas, emquanto não obtivessem, o que queriaõ, vindo ao mesmo tempo officio da Camara exigindo **omesmo**, bem que forçado pelo partido dos Rebeldes, (CARparticularXIXISP)
- (2) parece me mais acertado esperar a de cizaõ da Consulta porque não suceda acharem-se dois Officiaes ao mesmo tempo providos em-o **mesmo** posto. (1CARoficialXVIII2PB)
- (3) Meu Parente | Pedro Dias ontem sahio desta caza, e veio novamente por ordem do Prin= | cipe preparar todos os pouzos para comodidade das nossas Tropas e como | hiaõ vagarozas veio dar-me hum abraço, e com onovo Avizo de | Sua Alteza foi ontem voando, e hia *ontem mesmo* a Taubaté, onde ficou | o Coronel Leite. (CARparticularXIXISP)

Peres (2020), tomando como suporte teórico a GDF, consegue detectar e explicar cinco diferentes usos de *mesmo*, relacionando-os aos dois níveis de formulação e às diferentes camadas em que opera, descrevendo suas propriedades pragmáticas e semânticas, que se refletem na codificação morfossintática. A proposta aqui é verificar se os cinco diferentes usos (operador de ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de propriedade configuracional) já eram correntes desde o século XVIII, considerado o momento em que o português do Brasil começa a se formar e a mostrar características próprias, e se esses usos permaneceram no decorrer dos séculos XIX e XX.

Como universo de pesquisa, tomam-se ocorrências reais de uso, extraídas do corpus do Projeto para a História do Português Brasileiro, que se encontra catalogado na Plataforma de Corpora, uma sistematização de todos os materiais editados pelos membros do Projeto. Esse material está disponibilizado na página <https://sites.google.com/site/corporaphpb>.⁴ Serviram de corpus cartas particulares e oficiais dos três séculos, com a suposição de que esse gênero propiciaria todos os tipos, desde os usos semânticos, relacionados ao Nível Representacional, quanto os pragmáticos, relacionados ao Nível Interpessoal, e assim disporíamos de um número suficiente de ocorrências que permitiria generalizações para o uso de *mesmo*, o que, de fato, se confirmou, como ficará claro adiante.

O texto encontra-se dividido em três partes. A parte 1 traz uma breve revisão do tratamento dado a *mesmo* na literatura, tomando primeiramente as gramáticas de referência, seguidas de trabalhos monográficos, artigos de periódicos e capítulos de

⁴ Para se ter acesso ao banco de dados, é necessário pedir permissão ao administrador.

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

livros; em 2, são apresentados resumidamente os pressupostos teóricos da teoria que serve de base para o estudo, a GDF, ficando a parte 3 reservada para apresentação do uso de *mesmo* em cada século investigado, verificando se houve alteração no decorrer dos três séculos. Finalmente, nas Considerações finais, sintetizam-se os resultados, com uma sistematização do emprego de *mesmo* no português brasileiro (PB).

Mesmo na literatura

Bechara (2009, p. 228) aponta que “*Mesmo* pode corresponder a dois vocábulos latinos: *idem* (identidade) e *ipse* (reforço). No primeiro caso, denota identidade e reclama a presença do artigo ou de outro demonstrativo, como em: “Disse as *mesmas* coisas. Referiu-se ao *mesmo* casal. Falou a este *mesmo* homem.”. Já no sentido de *ipse*, “emprega-se junto a substantivo ou pronome e equivale a próprio, em pessoa (em sentido próprio ou figurado): Ela *mesma* se condenou” (BECHARA, 2009, p. 228).

O item *mesmo*, na literatura corrente, tem sido considerado de modo geral um pronome demonstrativo. Para Rocha Lima (1976, p. 295), tem valor demonstrativo de identidade e reforço, e para Azeredo (2008, p. 257), *mesmo* tem a função de pronome com determinação remissiva, quando o “conceito, objeto ou ser designado pelo SN é conhecido do interlocutor ou faz parte da situação comunicativa ou do texto”; é também utilizado no discurso quando o interlocutor sente a necessidade de fazer comparações totais, como em “O ministério usou o *mesmo* slogan da campanha anterior.” (AZEREDO, 2008, p. 257). Neves (2000, p. 492) observa que *mesmo* pode ainda indicar identidade idêntica.

Considerando categorias adnominais, Dantas *et al.* (2018, p. 1102) afirmam que *mesmo* apresenta certa ambiguidade quanto ao uso adnominal e adverbial, já que com “valor adnominal, aparece modificando um pronome (nomes)”, mas com valor adverbial, há uma “relação duvidosa, que não permite justificá-lo como invariável.” (DANTAS *et al.*, 2018, p. 1104). As autoras afirmam que *mesmo*, usado para modificar pronomes pessoais e substantivos, enfatiza uma relação de identidade, tendo então um valor anafórico nominal; já quando modifica um pronome ou advérbio, tem valor dêitico. Com seu valor adverbial, *mesmo*, segundo as autoras, pode apresentar valores restritivos, inclusivos, concessivos e de premissa. Dessa forma, concluem que *mesmo* “apresenta uma polissemia de usos” (p. 1106/1107), relacionada “às pressões argumentativas do falante na tentativa de veicular as estratégias que giram em torno do grau de informatividade representacional e de pressuposicionalidade das sentenças.”

Santos-Amorim (2009, p. 75), por sua vez, esclarece que *mesmo* “aporta na língua portuguesa como pronome demonstrativo expressando reforço ou denotando semanticamente ‘identidade’, aquilo que é repetido, ‘igual’, fazendo referência a algo já enunciado ou conhecido no evento comunicativo”. Em seu trabalho sobre as funções e usos de *mesmo* no Brasil colonial e imperial, Santos-Amorim (2008, p. 6) observa que “nas cartas coloniais e imperiais [...] o item *mesmo* apresenta-se expressando valores anafóricos, estabelecendo relações coesivas em diferentes situações de usos adnominais e nominais.”. Ainda segundo a autora (2008, p. 6), quando categoria de referência adnominal, *mesmo* “apresenta-se flexionado e anteposto a um substantivo precedido de artigo, atribuindo-lhe uma qualidade e, ao mesmo tempo, identificando e fazendo referência a algo já, explicitamente, mencionado ou conhecido no texto”; e quando categorizado como referência nominal *mesmo* é marcado com “valor de substantivo ou nome nos textos, desempenhando, igualmente, papéis referenciais anafóricos. Essa substantivação é marcada, no discurso, pela presença do artigo definido que lhe é anteposto (*o mesmo*), estratégia conhecida como *nominalização*” (Cf. KOCH, 2006, p. 90).

Pereira (2016, p. 38), por seu turno, afirma que as “macrocategorias” de *mesmo* são referência/anáfora, concomitância, articulação textual, reforço e inclusão/exclusão. Dentro de cada ‘macrocategoria’ existem funções mais específicas como referência atributiva, nominal, concomitância temporal, reforçador identitário etc. Já as ‘microcategorias’, que são ainda mais específicas, são: reforçador argumentativo, inclusão/articulação textual de concessividade, concessividade condicional, entre outras.

Como se nota, esse item linguístico tem chamado a atenção de muitos estudiosos por sua multifuncionalidade. De modo geral, os pesquisadores descrevem os vários usos, mas raramente conseguem distingui-los com clareza, reconhecendo ambiguidades, relações duvidosas, que não permitem explicações satisfatórias nem uma sistematização que corresponda adequadamente aos diferentes usos e suas propriedades formais (DANTAS *et al.*, 2018, p. 1104). Peres (2020) e Pezatti e Peres (2022), no entanto, usando o modelo da GDF, com seus níveis e camadas, apresentam uma distinção e uma explicação satisfatórias para os vários usos e suas expressões formais, conforme exposto a seguir.

Arcabouço teórico: a GDF

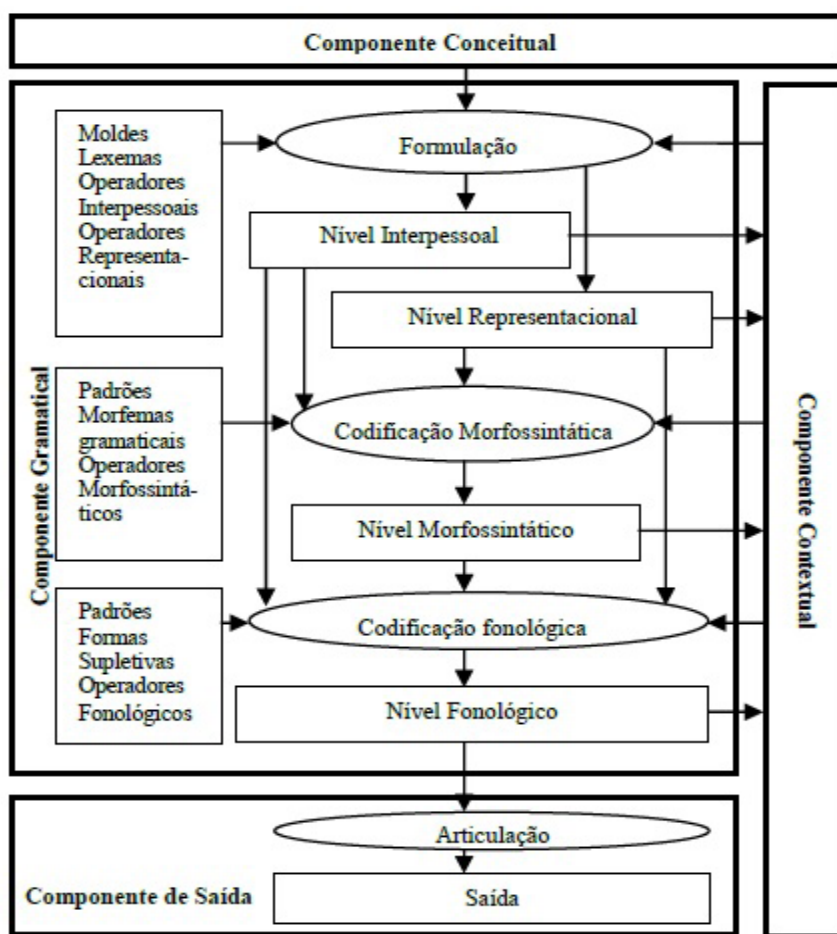
A GDF é uma teoria que tem como objetivo descrever e esclarecer as propriedades formais das unidades linguísticas, de um modo descendente (*top-down*): a análise parte da intenção do falante, ou seja, do seu objetivo comunicativo, e vai em direção à articulação das expressões linguísticas, passando pela semântica, sintaxe e morfologia.

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

Segundo os autores da GDF, o modelo descendente é motivado pela “suposição de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico no indivíduo” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 1-2).⁵

O modelo da gramática é hierarquicamente estruturado em camadas, e cada um dos níveis de representação é organizado de uma maneira própria. Dentro desse esquema, representado na Figura 1, a GDF distingue quatro níveis interatuantes de organização na seguinte ordem hierárquica: o Nível Interpessoal, o Nível Representacional, o Nível Morfossintático e o Nível Fonológico.

Figura 1. Arquitetura geral da GDF



Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 13)

⁵ No original: “This is motivated by the assumption that a model of grammar will be more effective the more its organization resembles language processing in the individual”.

O Nível Interpessoal trata dos aspectos formais da unidade linguística que refletem seu papel na interação entre Falante e Ouvinte, cujos objetivos determinam a estratégia adotada para obter o propósito discursivo dos interlocutores. Nesse nível, todas as unidades relevantes de comportamento comunicativo são formalizadas em termos de sua função comunicativa. A unidade de análise hierarquicamente mais alta nesse nível é o Movimento. Um Movimento pode conter um ou mais Atos Discursivos. Um Ato Discursivo consiste em uma llocução, um ou mais Participantes do ato de fala e o Conteúdo Comunicativo apresentado pelo falante. O Conteúdo Comunicativo, por sua vez, pode conter um número variável de Subatos Atributivos, que expressam a tentativa do Falante de evocar uma propriedade, e Subatos Referenciais, que constituem a tentativa do Falante de evocar um referente, ou seja, um conjunto nulo, único ou múltiplo de entidades.

No Nível Representacional, diferentemente do Nível Interpessoal, são tratados os aspectos semânticos das unidades linguísticas que envolvem tanto o modo como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve quanto aos significados de unidades lexicais simples e complexas, independentemente do modo como essas unidades são usadas na comunicação. Nesse nível, descrevem-se as unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica. Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Representacional lida com a denotação. Conteúdos Proposicionais, unidades mais altas do Nível Representacional, são construtos mentais, que podem conter um ou mais Episódios, que, por sua vez, constituem conjuntos de Estados-de-Coisas tematicamente coerentes. Estados de Coisas incluem eventos e estados que se caracterizam por serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto factual. Um Estado de Coisas contém uma Propriedade Configuracional, que tem natureza composicional e abrange uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si, como Indivíduo, Lugar, Tempo, Maneira, Quantidade e Razão.

O Nível Morfossintático, por outro lado, trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Em vista dessa função, muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios de ordenação são motivados pelos princípios de Iconicidade, Integridade de Domínio e Preservação de Relações de Escopo. A camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística, ou seja, qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática. As unidades que se combinam para formar a Expressão Linguística são Orações, Sintagmas ou Palavras.

O Nível Fonológico, por sua vez, é responsável pelos aspectos de codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* dos outros três níveis e provê o *input* para o Componente de Saída. Enquanto este último lida com questões relacionadas

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

à frequência, intensidade, duração, o Nível Fonológico – sendo gramatical – é ‘digital’, e contém representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias.

Cada camada, de qualquer nível, é hierarquicamente composta, havendo sempre um elemento obrigatório, o Núcleo, e, na maioria dos casos, outros elementos, como Modificadores (σ) que fornecem informações adicionais (opcionais) sobre o núcleo da camada em questão; os Operadores (π) que cumprem as mesmas funções dos modificadores, mas se aplicam a uma unidade em si mesma (KEIZER, 2015, p. 50-51); Função (φ), por seu turno, é sempre relacional e ocorre entre unidades da mesma camada. Núcleos e Modificadores representam estratégias lexicais, enquanto operadores e funções representam estratégias gramaticais.

A proposta, como já explicitado, é mostrar a multifuncionalidade de *mesmo* no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, considerando que as escolhas efetuadas nos níveis de formulação (Interpessoal e Representacional) se refletem nos níveis de codificação (Morfofossintático e Fonológico). Desse modo, tomamos como unidade de análise morfofossintática a Oração e o Sintagma.

Para a GDF, a Oração, uma unidade morfofossintática, na maioria das vezes, corresponde, por *default*, a um Ato Discursivo no Nível Interpessoal. Ato Discursivo é entendido como a unidade básica do discurso, ou seja, a menor unidade linguística do comportamento comunicativo que corresponde a uma unidade de entonação. De modo geral, constitui-se de quatro componentes, sendo dois obrigatórios, a llocução, que indica a finalidade do ato verbal, e o Falante, que se dirige a um Ouvinte, cuja presença não é obrigatória, e um Conteúdo a ser comunicado, que contém tudo o que o Falante deseja evocar na sua interação com o Ouvinte, e que, por sua vez, contém os Subatos.

No Nível Morfofossintático, os Subatos são geralmente codificados na forma de Sintagmas. O Sintagma (Xp) consiste em uma configuração sequenciada de palavras (Xw), outros sintagmas (Xp) e orações encaixadas (subordinadas) e é formado por um núcleo lexical, oriundo do Nível Interpessoal ou Representacional; como entidade lexical, seu núcleo pode ser verbal, nominal, adjetival, adverbial e adposicional.⁶ Neste estudo trataremos do Subato de Referência, representado por sintagma nominal (Np – *Noun phrase*) e de Subatos de Atribuição, representados por sintagma adjetival (Ap – *adjective phrase*), sintagma adverbial ($Advp$ – *adverb phrase*) e sintagma preposicional ($Prep$ –

⁶ Sintagma Adposicional é constituído de uma adposição, que pode ser anteposta ou posposta a um nome. No caso do português, a adposição é sempre anteposta, por isso tradicionalmente esse sintagma é denominado Sintagma Preposicional ou, abreviadamente, SP. Neste estudo, no entanto, é abreviado Prep (Prepositional phrase).

preposition phrase), uma vez que o português não apresenta sintagma posposicional (*Posp – position phrase*).

Como já observado, Peres (2020), usando o arcabouço teórico da GDF, detecta cinco usos de *mesmo*, operador de ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de propriedade configuracional, relacionando-os aos dois níveis de formulação e às diferentes camadas em que opera, descrevendo suas propriedades pragmáticas e semânticas, que se refletem na codificação morfossintática. É disso que trata a seção a seguir.

Mesmo na GDF

Segundo Peres (2020), há, no português brasileiro, cinco usos de *mesmo*, operando nos dois níveis de formulação, o Nível Interpessoal (NI) e o Nível Representacional (NR), com consequências na codificação do Nível Morfossintático (NM)⁷, sendo dois tipos originados no Nível Interpessoal e três, no Nível Representacional, conforme explícito no Quadro 1.

Quadro 1. Uso de *mesmo* no NI e NR⁸

NI	π Ênfase φ Contraste
NR	π Identidade Proforma σ Realidade

Fonte: Elaboração própria

O Quadro 1 mostra que, no Nível Interpessoal, *mesmo* constitui uma estratégia gramatical, agindo como um Operador de Ênfase, ou seja, aplica-se a uma unidade em si mesma, intensificando-a, ou como Função, relacionando e contrastando duas unidades, como mostram respectivamente (4) e (5) a seguir. Já no Nível Representacional, pode atuar como um Operador de identidade, para indicar que a entidade retomada é idêntica à anteriormente apresentada, como uma proforma nominal, equivalendo a um pronome pessoal, ou como um modificador, restringindo o Estado de Coisas, ao sinalizar que o seu conteúdo é real, conforme será mais bem detalhado adiante.

7 Não foi investigada a codificação do Nível Fonológico, uma vez que se trata de texto escrito, embora saibamos que a escrita também tem ritmo e prosódia. Necessitaríamos, no entanto, de testes apropriados que demandariam um tempo de que não dispúnhamos.

8 O operador é representado pelo símbolo π , função por φ , e modificador por σ .

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

Os diferentes usos advindos dos dois níveis de formulação são morfossintaticamente codificados pela posição que *mesmo* assume na unidade sintática em que opera: dentro do sintagma e ou da oração, conforme identifica Peres (2020). Em outras palavras, a distinção entre os vários usos reflete-se na ordenação de constituintes, que, para a GDF, é mais uma forma de expressar intenções comunicativas do Falante.

A GDF considera a existência de posições absolutas (P^I , P^2 , P^M e P^F), que não são obrigatórias para todas as línguas, e várias posições relativas derivadas dessas quatro. Assim, as línguas podem fazer uso da posição inicial (P^I) e suas expansões para a direita, da segunda posição (P^2) e suas expansões para a direita, da posição final (P^F) e suas expansões para a esquerda e da posição medial (P^M) e suas expansões para a direita, para a esquerda ou para ambas as direções. Pezatti (2014) propõe que, em português, três posições absolutas, P^I , P^M e P^F , são suficientes para explicar o processo de colocação de constituintes nas unidades sintáticas, conforme graficamente representado no Quadro 2.

Quadro 2. Posições absolutas e relativas

P^I	P^{I+1}	P^{I+n}	P^{M-n}	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	P^{M+n}	P^{F-n}	P^{F-1}	P^F
-------	-----------	-----------	-----------	-----------	-------	-----------	-----------	-----------	-----------	-------

Fonte: Adaptado de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 344)

A colocação de constituintes começa pelo Nível Interpessoal, com o posicionamento de funções, modificadores e operadores de Movimentos em lugares apropriados e termina com o posicionamento de Operadores e Modificadores de Propriedades Configuracionais, núcleos de Estados de Coisas. Dentro de cada grupo, as Funções são expressas antes de Operadores e Modificadores, uma vez que são externas às unidades às quais se aplicam, obedecendo assim ao Princípio de Iconicidade das unidades hierarquicamente relacionadas.

No Nível Interpessoal, *mesmo* é utilizado na interação entre os participantes para indicar intensificação de uma camada ou para indicar o desejo do Falante de realçar diferenças particulares entre dois ou mais Conteúdos Comunicativos ou entre um Conteúdo Comunicativo e informações contextualmente disponíveis. Trata-se, no primeiro caso, da categoria Ênfase e no segundo da função pragmática Contraste.

Como marcador de Ênfase, no Nível Interpessoal, *mesmo* apresenta as propriedades de operador (π), já que constitui uma estratégia gramatical que se aplica à camada do Subato, intensificando-a, e é marcado morfossintaticamente por se colocar após o núcleo do sintagma, conforme exemplifica (4).

- (4) É isto que me autoriza a fazer um pequeno reparo sobre a palavra grafada enfesado por Torga mas que o correto é enfezado, conforme *voce mesmo* verificou (2CARpessoaisXX2SC)

Como marcador da função (φ) pragmática **Contraste**, *mesmo* realça não diferenças, mas similaridades particulares entre dois ou mais Subatos, e se coloca sempre antes do núcleo do sintagma, conforme mostra (5)⁹.

- (5) Deos queira não haja novidades, e que tanto você e sua família como todos os nossos amigos estejam em paz com saude efelicidade. Esta corte, e *mesmo toda a Província* goza de sucego e prosperidade assim como as Provincias limítrofe, (12CARparticularXIX1Rumeu)

Assim, *mesmo*, seja como operador seja como função pragmática, constitui traços abstratos do Nível Interpessoal, que se manifestam morfossintaticamente como palavra gramatical na camada do Sintagma, ocupando respectivamente a posição final (P^F) e a inicial (P^I) ao núcleo, conforme resume o Quadro 3.

Quadro 3. Posição de *mesmo* interpessoal

NI	Xp	P ^I	P ^M	P ^F
	π Ênfase		núcleo	<i>mesmo</i>
	φ Contraste	<i>mesmo</i>	núcleo	

Fonte: Elaboração própria

No Nível Representacional, *mesmo* tem propriedades de operador quando é usado para indicar que a entidade retomada é idêntica à anteriormente apresentada, conforme exemplifica (6). Como núcleo de sintagma, *mesmo* detém a propriedade dos pronomes, ou seja, retoma anaforicamente um referente já dado, conforme (7). Por outro lado, ao restringir um Estado de Coisas indicando sua real ocorrência, *mesmo* assume as propriedades de modificador (σ), manifestando-se como palavra lexical, introduzida no Nível Representacional, como atesta (8).

- (6) Venho informar que os referidos map- | pas vos foram remetidos no dia 30 | do *mesmo* mez de Maio acompanhados | de um officio que recebeu o nº 3, ... (CARoficiaisXX1RN)

⁹ A função pragmática Contraste proposta na GDF corresponde, em parte, à função Foco Expansivo de Dik (1997a, p. 331-334).

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

- (7) Muito desejo que Sophia goze de saude, e que *o mesmo* aconteça a você. Muitas saudades minhas e de Tuda. Do amigo affectu<oso> Alvaro (CARparticularXIX2SP)
- (8) Este ano *disanimaram mesmo*, acho que estão com mais intuziasmo com os festejos da Semana Santa, não é? (CARparticularXX1MG)

Oriundos do Nível Representacional, esses usos nas diferentes camadas se refletem, no Nível Morfossintático, por meio da posição que *mesmo* ocupa na unidade sintática em que opera. Atuam na camada do sintagma o operador de identidade idêntica e a proforma anafórica. A proforma anafórica representa o núcleo do sintagma e, como tal, assume a posição medial (P^M). O marcador de identidade idêntica é sempre antecedido do operador de identificabilidade, que, por ser do Nível Interpessoal, tem prioridade, e assume a posição inicial (P^I), restando ao marcador semântico a posição inicial relativa (P^{I+1}). O modificador semântico de Realidade, por seu turno, opera na camada da Oração, uma vez que atua sobre a Propriedade Configuracional, núcleo do Estado de Coisas. Toma como escopo a palavra verbal (V_w), que pode ser o verbo pleno, o auxiliar ou a cópula. As posições de *mesmo* do Nível Representacional estão resumidas no Quadro 4.

Quadro 4. Posição de *mesmo* semântico

NR			P^I	P^{I+1}	P^M				
	Np	π idêntico		o	<i>mesmo</i>	N			
Proforma			o	-	<i>mesmo</i>				
Cl	Real		-	-	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}	P^{M+2}	P^F
			-	-	V_w	<i>mesmo</i>			
			-	-	Aux	<i>mesmo</i>	V_w	(Xp)	
					Cop	<i>mesmo</i>	X_w		

Fonte: Elaboração própria

Em seu estudo, Peres (2020) analisa 833 ocorrências de *mesmo*, assim distribuídas: 259 (31%) estratégias do Nível Interpessoal e 574 (68,9%) do Nível Representacional. Pelos números coletados, Peres conclui que *mesmo* é primeiramente uma unidade semântica, predominando como marcador de identidade idêntica (383 casos, equivalentes a 66,7%), seguida de proforma de núcleo nominal (139 casos, equivalente a 24,2%) e, mais raramente, um modificador de Estado de Coisas, com apenas 52 casos (9%). Seu uso interpessoal, por outro lado, corresponde a 31% do total geral de ocorrências, distribuídas equitativamente em 130 (50,1%) casos de Ênfase e 129 (49,8%) de função pragmática Contraste, conforme evidencia a Tabela 1.

Tabela 1. Uso de *mesmo* no NI e NR

		n.	%	n.	%
NI	π Ênfase	130	50,1	259	31
	φ Contraste	129	49,8		
NR	π Identidade	383	66,7	574	68.9
	Proforma	139	24,2		
	σ Realidade	52	9		
Total				833	100

Fonte: Elaboração própria

Na seção que segue, mostramos os cinco usos desse expediente em cada século estudado.

O uso de *mesmo* nos séculos XVIII, XIX e XX

Esta seção apresenta uma descrição do uso de *mesmo* nos séculos XVIII, XIX e XX, considerados pertinentes para revelar as características do PB, pois se compreende que historicamente essa variedade começou a se definir como língua independente do português europeu a partir do século XVIII.

Foram levantadas 833 ocorrências de *mesmo* nos três séculos investigados, sendo 306 (36,7%) no século XVIII; 207 (24,8%) no século XIX; e 320 (38,4%) no século XX, englobando tanto os casos do Nível Interpessoal quanto os do Nível Representacional. Como é possível notar, há um equilíbrio no número de ocorrências do século XVIII (36,7%) e do século XX (38,4%), conforme Tabela 2.

Tabela 2. Ocorrências de *mesmo* em cada século

Século	n.	%
XVIII	306	36,7
XIX	207	24,8
XX	320	38,4
Total	833	100

Fonte: Elaboração própria

A distribuição de *mesmo* nos dois níveis da formulação, em cada século, encontra-se na Tabela 3. Dos 306 casos do século **XVIII**, 27 (8,8%) operam no Nível Interpessoal e 279 (91,1%), no Nível Representacional. O século **XIX**, com o menor número de ocorrências (207), apresenta 79 (38,1%) casos do Nível Interpessoal e 128 (61,8%) do Nível Representacional. Já no século **XX**, as 320 ocorrências estão distribuídas em 153 (47,8%)

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

casos do Nível Interpessoal e 167 (52,1%) do Nível Representacional. Esses números mostram que *mesmo* opera predominantemente no Nível Representacional (68,9%) em todos os séculos.

Tabela 3. Número de ocorrências de cada século em cada nível

Nível	NI		NR		Total
	n.	%	n.	%	
Século XVIII	27	8,8	279	91,1	306
XIX	79	38,1	128	61,8	207
XX	153	47,8	167	52,1	320
Total	259	31	574	68,9	833

Fonte: Elaboração própria

Nos três séculos, foram encontradas ocorrências desempenhando as cinco funções detectadas e explicadas por Peres (2020): Ênfase e Contraste, do Nível Interpessoal, e operador de identidade idêntica, próforma nominal e modificador de Estado de Coisas, do Nível Representacional, conforme demonstramos a seguir.

O uso de *mesmo* no Nível Interpessoal

As ocorrências **interpessoais**, apresentadas na Tabela 4, totalizam nos três séculos 259 casos, correspondentes a 31% do total geral (833), sendo 27 (10,4%) ocorrências do século XVIII, 79 (30,5%) do século XIX e 153 (59%) do século XX. Observa-se, portanto, um crescente uso de *mesmo* interpessoal no decorrer dos três séculos.

Tabela 4. Número de ocorrências do NI

NI		
Século	n.	%
XVIII	27	10,4
XIX	79	30,5
XX	153	59,0
Total	259	99,9

Fonte: Elaboração própria

Conforme mostra a Tabela 5 a seguir, as 27 ocorrências do século XVIII distribuem-se em 24 (88,8%) casos de Ênfase e 3 (11,1%) de Contraste; o total de 79 casos do século XIX compreendem 48 (60,7%) ocorrências de *mesmo* enfático e 31 (39,2%) de Contraste; já no século XX, 58 (37,9%) casos indicam Ênfase e 95 (62%), Contraste, do total de 153 ocorrências nesse nível.

Tabela 5. Uso de *mesmo* no NI nos três séculos

Século	Ênfase		Contraste		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%
XVIII	24	88,8	3	11,1	27	10,4
XIX	48	60,7	31	39,2	79	30,5
XX	58	37,9	95	62,0	153	59,0
Total	130	50,1	129	49,8	259	100

Fonte: Elaboração própria

Como marcador de **Ênfase**, no Nível Interpessoal, *mesmo* constitui uma estratégia gramatical de intensificação do Subato, apresentando, assim, as propriedades de operador, que, morfossintaticamente, se coloca após o núcleo do sintagma, ocupando, dessa forma, a posição final (**P^F**) do Sintagma (cf. Quadro 5), como em (9), (10) e (11), respectivamente encontradas em cartas dos séculos XVIII, XIX e XX.

- (9) Falamos logo aosenhora Marques não pos duvida alguma po-rem que primeiro havia de ver as Ordens deSua Magestade para saber se isso sepodia fazer eque logo que a Não sahisseeprincipearia acunhar ParaLixboa Lisboa semprevão as Cartas que vierão aesto Respeito, por Vossa Excelência *assim mesmo* o ordenar ainda que as daqui tivessem efeito. (1CARoficialXVIII2RJ).
- (10) Meu Parente | Pedro Dias ontem sahio desta caza, e veio novamente por ordem do Prin= | cipe preparar todos os pouzos para comodidade das nossas Tropas e como | hiaõ vagarozas veio dar-me hum abraço, e com onovo Avizo de | Sua Alteza foi ontem voando, e hia *ontem mesmo* a Taubaté, onde ficou | oCoronel Leite. (CARparticularXIX1SP)
- (11) *Aqui mesmo* no Município há alguns hermistas principalmente em Bom Jesus estou procurando remover o chefe é o Antonio Ernesto de Oliveira anulado pelo Gerente da Fabrica Mazagão (...) (2CARparticularXX1RJCéliaLopes)

Quadro 5. Posição de *mesmo* enfático

NI	Xp	P ^I	P ^M	P ^F	
	π Ênfase			assim	<i>mesmo</i>
				ontem	<i>mesmo</i>
				aqui	<i>mesmo</i>

Fonte: Elaboração própria

Os números da Tabela 5 mostram também que o uso de *mesmo* para assinalar **Ênfase**, intensificando Subatos, verifica-se desde o século XVIII. Nota-se, entretanto, um

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

decréscimo gradual de seu uso no transcorrer dos três séculos investigados. Enquanto no século XVIII ocorre em 88,8% dos casos, nos séculos XIX e XX, corresponde respectivamente a 60,7% e 37,9%.

Já, como marcador da função pragmática **Contraste**, é possível também atestar ocorrências nos três séculos, embora em menor número, sendo 11,1%, 39,2% e 62% nos séculos XVIII, XIX e XX respectivamente, conforme exemplificam (12), (13) e (14). Em todos esses casos, *mesmo* ocupa a posição inicial do Sintagma (Pⁱ), conforme mostra o Quadro 6.

- (12) Sou obrigádo a Representar a | Vossa ExCelenCia, que entre os | ReCrutas, que me foraõ enviádos | da Villa dos Ilheos, Se compre-|hendo hum Manoel da ConCeilÇaõ, que até **mesmo** por infor|maÇoens de quem omandou | hé hum Moço dos mais bem Regulládos Costumes, e muito util a Sua | Familia; (...) (CARofiXVIII2BATâniaLobo).
- (13) Desejava remetter esta carta | pelo intermedio do Lacombe porem | como parte para ahi esse amigo | a quem te apresento, aproveitei-o, | **mesmo** porque *elle te* contará | melhor o que se tem passado | por cá. (2CARparticularXIX2RJ).
- (14) Vou indagar em que Hotel o Doutor Moreira vae hospedar-se, e te avisarei para ires procural-o para conversar sobre negocios em geral e **mesmo** reforçar *o que dis-se do Horacio*. (1CARparticularXX1RJ).

Quadro 6. Posição de *mesmo* contrastivo

NI	Xp	P ⁱ	P ^M	P ^F
	φ Contraste	<i>mesmo</i>	por informação	
		<i>mesmo</i>	porque	
		<i>mesmo</i>	reforçar	

Fonte: Elaboração própria

Os números expostos na Tabela 5 demonstram que o uso de *mesmo* enfático vai diminuindo no decorrer dos três séculos (88,8%, 60,7% e 37,9%, respectivamente no século XVIII, XIX e XX), à medida que o uso de *mesmo* contrastivo aumenta a cada século (11,1%, 39,2%, e 62%, respectivamente nos séculos XVIII, XIX e XX).

O uso de *mesmo* no Nível Representacional

As 574 ocorrências de *mesmo* no Nível Representacional estão assim distribuídas (cf. Tabela 7): o século XVIII detém 48,6% (279) das ocorrências, o século XIX, 22,2% (128),

e o século **XX**, 29% (**167**) dos casos. Como se vê, o uso de *mesmo* representacional é maior no século XVIII, decrescendo nos dois séculos posteriores.

Tabela 6. Número de ocorrências do NR

NR		
Século	n.	%
XVIII	279	48,6
XIX	128	22,2
XX	167	29,0
Total	574	100

Fonte: Elaboração própria

Como evidencia a Tabela 7 a seguir, no século **XVIII**, o total de **279** ocorrências do Nível Representacional se distribui em 218 (78,1%) casos de operador de identidade idêntica, 60 (21,5%) de proforma e um único caso (0,32%) de modificador de Estado de Coisas. As 128 ocorrências do século **XIX** se distribuem em **81** (63,2%) operadores de identidade idêntica, **30** (23,4%) proformas e **17** (13,2%) casos de modificador de Estado-de-coisas. Já o século **XX** apresenta um total de 167 casos, sendo 84 (50,2%) de operador de identidade idêntica, 49 (29,3%) de proforma e 34 (20,3%) casos de modificador de Estado de Coisas.

Tabela 7. Uso de *mesmo* no NR nos três séculos

NR	π Idêntico		Proforma		σ Realidade		Total	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
XVIII	218	78,1	60	21,5	1	0,35	279	48,6
XIX	81	63,2	30	23,4	17	13,2	128	22,2
XX	84	50,2	49	29,3	34	20,3	167	29,0
Total	383	66,7	139	24,2	52	9,0	574	100

Fonte: Elaboração própria

Nota-se, portanto, no século XVIII, o predomínio massivo (78,1%) de *mesmo* para indicar que a entidade retomada é idêntica à anteriormente apresentada, conforme exemplificam (15), (16) e (17), respectivamente referentes aos séculos XVIII, XIX e XX. Esse uso, no entanto, decresce gradualmente nos dois séculos seguintes (63,2% e 50,3%).

- (15) Pelo que respeita á Proposta que Vossa Senhoria me diz fizera de Capitão para companhia de Maciel Tenente Manuel Malheiros, de que lhe consta sobio aconsulta, parece me mais acertado esperar a de cizaõ da Consulta porque não suceda acharem-se dois Officiaes ao *mesmo* tempo providos em-o *mesmo* posto. (ICARoficialXVIII2PB)

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

- (16) (7) A Lilly arrasta-me domi- | nadoramente para ahi, para | a lucta, para o fogo ... A | affeição de vocês, _ tua e | do Oscar _ refulgentissima | e profunda, heroica affeição | de companheiros d'armas *do* | **mesmo** valor posto, *com* | a **mesma** linha de Coração | e *Espirito*, concita-me a | partir também. E eu vou. (CartasparticularesXIX2SC)
- (17) Designo o 1º iscriptuario do | Thesouro, Asieuso Carneiro Gonçalves Ferreira para ser- | vir o cargo de chefe da 1ª secção do 2º sub. directorio | *da mesma repartição*, durante o impedimento do funcção- | nario effectivo. (CARoficialXXIPE-C1)

Essas ocorrências mostram que esse operador pode retomar qualquer categoria semântica, como tempo e lugar em (15), Estado de Coisas em (16) e lugar em (17). Morfossintaticamente ocorre predominantemente compondo sintagmas preposicionados (*ao mesmo tempo*, *em-o mesmo posto*, *do mesmo valor posto*, *com a mesma linha de Coração e Espirito*, *da mesma repartição*), mas pode também compor sintagmas nominais, como o *mesmo Jozé* em (18), uma ocorrência do século XIX.

- (18) Bem semelhante em tudo a venda do Pa- | triarcha Jozé aos Madianitas, tramada por iniquos irmãos, | o qual, indo parar no Egypto, foi a salvaçãõ de todo aquele rei- | no, e de sua familia: desempenhando-se assim as vistas | ocultas da Providencia, como disse *o mesmo Jozé* a seus ir- | mãos = Non vestro consilio, sed Dei voluntate huc mis- | sus sum. (CARparticularXIXISP)

Como observa Peres (2020), o operador de identidade idêntica age na camada do sintagma e é sempre antecedido do operador de identificabilidade (artigo definido), que, por ser do Nível Interpessoal, tem prioridade e assume a posição absoluta P^I , restando ao operador semântico a posição relativa P^{I+1} , conforme se representa no Quadro 7.

Quadro 7. Posição de *mesmo* operador semântico.

NR	Np	P^I	P^{I+1}	P^M
	π idêntico	o	mesmo	José

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 7 mostra ainda que, diferentemente do operador de identidade idêntica, cujo uso decresce no decorrer dos três séculos, o uso de *mesmo* como proforma nominal mostra uma tendência crescente, já que, no século XVIII, ocorre em 21,5% (60) dos casos; no século XIX, em 23,4% (30) e no século XX, em 29,3% (49) dos casos. As ocorrências (19), (20) e (21) exemplificam o uso como núcleo de sintagma nos três séculos, respectivamente.

- (19) por quanto o Provedor da Fazenda Real, que he Dezembargador de agravos na Rellação, tem nela faccionarios certos para me atropelar: **Omesmo** na qualidade de Comissario do Sequestro mandado fazer nos bens do fugitivo Thezoureiro Joze Fructuoso [...] (2CARoficialXVIII2RJ)
- (20) A Inglaterra em todas as suas grandes cidades, man= | tem mais de uma fabrica de | gaz; o **mesmo** acontece na | Allemanha, Austria, Italia, | e estados Unidos; no Bra= | sil, porem, onde se põe de | lado a providencia, as cou= | sas se passam de outro mo= | do, porque tudo se espera | da divina providencia. (2CARparticularXIX2RJ)
- (21) Componho Poemas, | sonetos, trovas, quadin- | has, pensamentos etc. | *Coleciono os mesmos* | como também | postais, se és | poético, então | já vio né? | envia-me | um | poema | para | [eleição] | [ilegível] (3CARpessoaisXX2SC)

Semanticamente, a proforma anafórica retoma entidades de qualquer categoria semântica: indivíduos (*Provedor da Fazenda Real* e *poemas, sonetos, trovas, quadrinhas*), respectivamente em (19) e (21) e Estado de Coisas, como *manter fábrica de gás* em (20). Morfossintaticamente ocupa o núcleo de um sintagma e, como tal, assume a posição P^M, deixando a posição P^I para o operador interpessoal de definitude, conforme mostra o Quadro 8.

Quadro 8. Posição de *mesmo* proforma

NR	Np	P ^I	P ^M
	Proforma	o	mesmo

Fonte: Elaboração própria

O uso menos frequente de *mesmo* em todos os séculos, conforme Tabela 7, é o de modificador de Estado de Coisas com 9% (52) de casos nos três séculos. Ocorre apenas uma vez (0,35%) no século XVIII; no século XIX, aparece em 13,2% (17) dos casos, e no século XX, em 20,3% (34) das ocorrências. Os números revelam que, apesar de pouco frequente, há uma tendência de aumento no uso de *mesmo* como Modificador de Estado de Coisas ao longo dos três séculos. As ocorrências (22), (23) e (24) exemplificam casos dos três séculos (XVIII, XIX e XX) respectivamente.

- (22) porque estou agora Com afan ca no pes coSo, deS ento, equarenta mil Reis, que devo, edesta quantia otem mefizeraõ penhora naminha maõ, ou em bargo, para pagar aoutro Sugeito: e deCuja quantia fiquey **mesmo** por depositario a vossa mercê [...] (CARparticularXVIII 2 MG)

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

- (23) Faço ideia Sophia na sua casa como naô lidará *ella é mesmo incansavel*, porem creio que por natureza, e naô pelo ezemplo, eu nunca me considerei boa dona de casa. (CARparticularXIX2SP)
- (24) Eu adoro poesias. *Sou mesmo muito romântica*. | As vezes quando necessito desabafar-me, faço-o | escrevendo poesias. (ICARpessoaisXX2SC)

Com função de modificador representacional da Propriedade Configuracional, é um constituinte da camada da Oração, colocando-se nos domínios de P^M , sempre em torno da palavra verbal, seja verbo lexical, seja auxiliar, seja cópula, conforme Quadro 9.

Quadro 9. Posição de *mesmo* modificador semântico

NR	σ Real	CI	P^{M-1}	P^M	P^{M+1}
			Vw	mesmo	(Xp)
Aux	mesmo	Vw			
Cop	mesmo	Xw			

Fonte: Elaboração própria

Conclusões

Este artigo investiga a multifuncionalidade de *mesmo*, no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX, tomando o modelo da Gramática Discursivo-Funcional como arcabouço teórico. A proposta consiste em verificar se os cinco diferentes usos (operador de Ênfase, função pragmática Contraste, operador de identidade idêntica, núcleo anafórico e modificador de Propriedade Configuracional), detectados por Peres (2020), já eram correntes desde o século XVIII, século considerado como o momento em que o português do Brasil começa a se formar e a mostrar características próprias.

Os resultados revelam que, levando em conta os usos interpessoais e representacionais em conjunto, esse expediente sempre foi usado nos três séculos investigados (36,7%, 24,8% e 38,4%, respectivamente XVIII, XIX e XX), prevalecendo, porém, em todos os séculos, no Nível Representacional em 68,9% dos casos contra 31% do Nível Interpessoal. Além disso, mostram que os cinco diferentes usos de *mesmo*, encontrados por Peres (2020), já existiam desde o século XVIII e permaneceram ao longo dos dois séculos seguintes, não apresentando alteração na forma de manifestação.

Assim, os dois usos de *mesmo*, no Nível Interpessoal, Ênfase e função pragmática Contraste, foram observados nos três séculos; porém, a ocorrência de *mesmo* enfático diminui gradualmente ao longo dos três séculos (88,8%, 60,7% e 37,9%, respectivamente

nos séculos XVIII, XIX e XX), enquanto *mesmo* contrastivo aumenta a cada século (11,1%, 39,2%, e 62%, respectivamente nos séculos XVIII, XIX e XX).

No Nível Representacional, *mesmo* pode desempenhar três papéis: operador de identidade idêntica, proforma e modificador de Estado de Coisas, que também foram encontrados nos três séculos. O operador de identidade idêntica era muito recorrente no século XVIII, mas seu uso decresce gradualmente nos dois séculos seguintes de 78,1% para 63,2% e 50,3%, respectivamente nos séculos XIX e XX. Já nos outros dois usos, observa-se o movimento contrário: há um aumento gradual, de século para século, como proforma nominal (21,5%, 23,4% e 29,3%) e como modificador de Estado de Coisas (0,35%, 13,2% e 20,3%), respectivamente nos séculos XVIII, XIX e XX.

Desse modo, podemos afirmar que não houve alteração nos usos e nem na forma de codificação de *mesmo* ao longo dos três séculos. O que se pode observar é que alguns usos estão em decréscimo, como o de operador de Ênfase, do Nível Interpessoal, e o operador de identidade idêntica, do Nível Representacional, enquanto o uso como modificador de Estado de Coisas parece estar em ascendência, haja vista sua trajetória de 0,35% no século XVIII para 13,2% no século XIX e 20,3% no século XX.

Esses resultados indicam ainda que *mesmo* é, em princípio, uma estratégia semântica, já que ocorre majoritariamente nesse nível nos três séculos, e que aos poucos vai se tornando uma estratégia gramatical ao ser usado no Nível Interpessoal. Pode-se aventar que *mesmo* está em processo de gramaticalização. Deixamos, no entanto, a verificação dessa trajetória para um outro momento, pois demanda um estudo mais aprofundado dessa questão, o que não era o objetivo deste artigo.

Os resultados obtidos, no entanto, demonstram a persistência da multifuncionalidade desse item nas três sincronias, bem como o decréscimo e a ascendência de suas diferentes funções conforme as necessidades comunicativas ligadas ao uso da língua. As evidências empíricas e as análises quantitativas e qualitativas aqui desenvolvidas contribuem para os estudos descritivos acerca dos usos do português brasileiro, atendendo ao que foi proposto.

Agradecimentos

Ao CNPq pelo auxílio **PQ** Proc. No. **301257/2017-5** (vigência março de 2018 a fevereiro de 2022).

Aos pareceristas anônimos que, com suas observações e sugestões, muito contribuíram para a melhoria do texto.

- | Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX

Referências

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, E. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

DANTAS, M. L.; UCHÔA, S. A. de O.; CABRAL, S. A. de O.; NUNES, G. C. Gramaticalização do item linguístico *mesmo*: funções polissêmicas do uso. **Rev. Mult. Psic.**, v. 12, n. 41, p. 1096-1108, 2018.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KEIZER, E. **A Functional Discourse Grammar for English**. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PEREIRA, I. A multifuncionalidade do item “*mesmo*” e sua(s) possível(is) trajetória(s) de gramaticalização. **Guavira Letras**, Três Lagoas. n. 22, p. 31-47, 2016.

PERES, A. C. T. **O uso de *mesmo* em cartas do português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020.

PEZATTI, E. G.; PERES, A. C. T. Multifuncionalidade de *mesmo*: relação entre função e ordenação morfossintática. **Gragoatá**, Niterói, v. 27, n. 58, p. 1-34, maio/ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v27i58.52121>.

PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1976.

SANTOS-AMORIM, N. C. O item linguístico *mesmo* no português do Brasil colonial e imperial: usos e funções. *In*: XV CONGRESSO INTERNACIONAL, Montevideu, 2008. **Anais** de la Asociación de lingüística y filología de América Latina (ALFAL). Montevideu, 2008.

SANTOS-AMORIM, N. C. **O item linguístico *mesmo***: confrontando usos e funções no português do Brasil. 2009. Tese (Doutorado em Linguística e ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: PEZATTI, Erotilde Goreti; PERES, Ana Carolina Teixeira. Os vários usos de *mesmo* no português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 249-271, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 03/12/2022.
